

Coerência 39 para Coesão**²: Qual é o nosso papel no género *chat*?

Cláudia Silva
claudiaamsilva@live.com.pt
Centro de Linguística da Universidade do Porto

Introdução

Este estudo visa analisar as conversas em directo nos programas de *chat* da Internet, consideradas caóticas e confusas pelo senso comum, no sentido de mostrar como podem constituir um discurso coeso e coerente. O que se pretende neste artigo é demonstrar como, afinal, os utilizadores dos *chats* encontraram formas eficazes para se adaptarem às novas necessidades comunicativas. Assim, segue-se a opinião de Sáez (2007: 52), que considera que não se deve entender o *chat* numa perspectiva normativa, e adopta-se a postura de Fusca (2008: 36) de não desejar criticar os géneros emergentes, nos quais se incluem os *chats*, por não seguirem os modelos e a linguagem dos géneros já institucionalizados.

Foram delimitados os seguintes objectivos para este estudo:

- i) analisar mecanismos de coesão e coerência, mostrando como operam em conversas de *chat*;
- ii) verificar se os textos analisados apresentam as características que são geralmente atribuídas ao tipo de discurso interactivo/dialogal;
- iii) averiguar se este tipo de texto condiciona a ocorrência de mecanismos específicos de coesão;
- iv) verificar, afinal, se o *chat*, caracterizado pela confusão e subversão à norma, pode ser considerado como um todo articulado e adaptado a uma nova necessidade comunicativa.

No sentido de proceder à concretização destes objectivos, efectuou-se,

inicialmente, a descrição dos conceitos de coerência e coesão, necessários à textualidade. Foram também descritas as características do *chat*, no sentido de o definir como um novo género textual. Posteriormente, foi realizado um estudo de *corpus* com base em conversas de *chat*, tendo as palavras/expressões sido divididas em categorias distintas de acordo com a realização de diferentes mecanismos de coerência e coesão, incluindo, ainda, a estruturação das conversas. A análise dos resultados permitiu atingir determinadas conclusões, mostrando-se que o *chat*, embora subversor, segue os princípios de textualidade.

1. Texto, coerência e coesão

Um texto não é somente uma concatenação de frases isoladas, sendo necessário que o falante possua uma competência textual, que consiste na capacidade de distinguir quando um texto é correcto e adequado a uma situação, bem como produzir textos com características distintas (Guimarães 2005:19). No processo de articulação de um texto convergem a coesão e a coerência, que são cúmplices, embora distintas.

A coerência é a realização plena da macro-estrutura, ou seja, da estrutura semântica global (Guimarães 2005: 38-39). Esta estrutura inclui desde a intenção comunicativa até às estruturas linguísticas que evidenciam essa intencionalidade (Guimarães 2005: 41). Prende-se com a adequação do conteúdo à intenção comunicativa (Fonseca 1992: 36).

Um texto, para ser coerente, deve possuir um tópico específico; cabe ao receptor/ leitor descobri-lo no processo de interpretação do texto, por meio da supressão de determinados elementos e substituição de termos por outros mais gerais, conservando-se apenas a informação essencial (Van Dijk 1993: 217-221). Também Fonseca (1992: 88) considera que o que é retido na interpretação é o chamado “centro”, ficando na “periferia” toda a informação que se encontra à margem. De facto, cabe ao emissor o processo de expansão semântica, desenvolvendo um tema, e ao receptor a condensação semântica, reduzindo as informações acessórias até atingir o núcleo informativo (Guimarães 2005: 17).

A coerência é alcançada por meio de estruturas linguísticas que asseguram a coesão entre as frases. Esta coesão pode ser dada por meio da expansão do tema ou pela sua redundância/ repetição (Guimarães 2005: 21), sendo conseguida a nível sequencial e a nível referencial.

Na perspectiva de Koch (2004a: 53 e ss.), a coesão sequencial, que possibilita a progressão textual, pode ser frástica (sem procedimentos de recorrência estrita) ou parafrástica (com procedimentos de recorrência).

A *sequenciação parafrástica* envolve a recorrência de termos (repetição de uma palavra)¹, estruturas (paralelismo sintáctico), conteúdos semânticos (paráfrase), recursos fonológicos (como no caso da rima e da aliteração) e tempo e aspecto verbal.

A *sequenciação frástica* diz respeito aos conectores de diversos tipos (Koch 2004a: 61). Podem estabelecer-se relações entre as frases e parágrafos (relações argumentativas, como o contraste e a explicação), ou então, dentro da própria frase. Dentro da frase, estabelecem-se relações de coordenação e subordinação. A coordenação pode ser explícita (por meio de conjunções ou advérbios) ou implícita, efectuando-se por justaposição (Guimarães 2005: 45). Nos casos de justaposição, no lugar do conector, surge um sinal de pontuação de pausa, cabendo ao leitor estabelecer a relação semântico-discursiva entre os elementos (Koch 2004a: 66). No que se refere à subordinação, existem relações de natureza bastante diversificada: relações de integração e complementaridade e relações de tempo, de causa e efeito, entre outras (Guimarães 2005: 46).

A coesão referencial define-se pela possibilidade de um componente da superfície do texto fazer remissão a outro elemento nela presente ou inferível a partir do universo textual (Koch 2004a: 31), o que se liga ao fenómeno de retoma anafórica. A anáfora pode ser definida como uma relação de dependência entre uma palavra ou frase (ou ainda entre um vazio) e outra palavra ou frase anterior, remetendo, assim, para o que já fora enunciado (Otero 1999: 1429), o antecedente ou fonte (“source”).

A anáfora pode ser de vários tipos, de acordo com a natureza da forma linguística, sendo de destacar os seguintes (*cf.*, a título de exemplo, Oliveira 1988; Martins 2001; Figueiredo 2002: 217 e ss.; Figueiredo 2003: 233 e ss.; Silva 2003; Brito *et al.* 2003: 802 e ss.; Koch 2004b; Guimarães 2005):

- . anáfora nominal:
 - . *fiel* – Vi um rapaz. O rapaz era pequeno.
 - . *por expressão definida diferente do antecedente* (também conhecida por infiel) – Vi um rapaz. Esse menino era pequeno.
 - . *associativa* – Vi um rapaz. A sua cabeça era pequena.
 - . *por nominalização* ou *resumativa* - Vi um rapaz. Esse facto alegrou-me.
- . *anáfora pronominal* – Vi um rapaz. Ele era pequeno.

¹ Também denominada por reiteração, implicando uma total ou parcial co-presença de traços semânticos (Guimarães 2005: 29).

. *anáfora através de demonstrativos invariáveis* – Vi um rapaz e isso alegrou-me.

. *anáfora por elipse*² – Vi um rapaz: [-] era pequeno.

Se existe um tipo de anáfora directa (nomeadamente a anáfora por expressão definida), que se caracteriza pela dependência interpretativa entre duas entidades linguísticas co-referentes, também existe a anáfora indirecta (ex.: a associativa), que se define, sobretudo, por uma propriedade de não co-referência entre as entidades que preenchem os dois pólos da relação, sendo necessário recorrer à inferência para estabelecer a relação entre estas entidades (Silva 2003: 657).

Partindo do pressuposto de que é impossível comunicarmos verbalmente a não ser por meio de algum género textual (Marcuschi 2002: 22), considerou-se relevante proceder a uma breve reflexão sobre o conceito de “género” e sobre o surgimento de géneros virtuais, em que o *chat* se insere.

2. Géneros textuais

Géneros de texto são formas textuais padronizadas, típicas; são entidades sócio–discursivas e formas de acção social. Vários têm sido os critérios para definir o género; salienta-se, contudo, que estes se baseiam não só no conteúdo temático, mas também na situação de comunicação, distinguindo-se a finalidade/ o objectivo, os intervenientes, o meio de comunicação e a adequação à situação (Marcuschi 2002: 33 e ss.; Blancafort & Valls 2007: 242 e ss.).

Actualmente, com as novas tecnologias, surgem os géneros ligados à Internet (nomeadamente os *chats*, fóruns e *blogs*) (Pons 2002; Marcuschi 2002: 20; Blancafort & Valls 2007: 242 e ss.). Marcuschi (2002: 20) e Araújo (2004: 1280) defendem que os géneros emergentes na Internet não são genuinamente novos, mas antes reformatados. Consideram, na verdade, que o *chat* deriva da conversa face-a-face.

Se o *chat* deriva da conversação oral, importa descrever, sumariamente, as suas especificidades. O oral possui frases incompletas, falsos e novos arranques, pausas vazias e repetições de sílabas, de palavras e de frases (Rodrigues 2007:

² Rodrigues (2007: 193), com base em outros autores, afirma que o conceito de elipse abrange omissões de palavras tanto por razões de importância de conteúdo como pela possibilidade de inferência por intermédio do contexto. Então, o carácter elíptico de um texto pressupõe a existência de um universo de conhecimento compartilhado entre emissor e receptor (Fonseca 1992: 49).

189), bem como prolongamentos de vogais e interrupções. A conversação oral encontra-se norteada por um conjunto de sinais conversacionais, de acordo com a proposta de Rodrigues (1998: 70 e ss.), nomeadamente os *sinais de alternância de vez*, em que se destacam os de *tomada de vez* (o ouvinte assume o papel de falante, ou por iniciativa própria, ou por reacção a um acto iniciativo do falante antecedente), *cedência de vez* (ocorre quando o falante passa a desempenhar o papel de ouvinte; inclui as frases interrogativas, as frases declarativas com apenso e verbos modais como “podia”) e *retorno de vez* (sinais do ouvinte que expressam a sua atenção e acordo ou desacordo relativamente ao que é proferido).

Além disso, no discurso oral, é necessário que os locutores se regulem pelos princípios da cooperação ou máximas definidas por Grice (1975), nomeadamente a máxima da quantidade (fornecer apenas a informação necessária) e a da relação (o que é proferido deve ser relevante para a interacção).

O diálogo reproduz, na escrita, o discurso oral; nele predominam as sequências do tipo de discurso interactivo/dialogal, sendo pertinente descrever as características deste protótipo textual. A sequência textual dialogal possui uma orientação para um destinatário (Adam 1992; Bronckart 1996: 185) e desenvolve-se por meio de turnos de vez, correspondentes aos agentes na interacção verbal (Bronckart 1996: 233). Seja oral ou escrito, o discurso interactivo ou dialogal caracteriza-se pela presença de pronomes e determinantes de primeira e segunda pessoas do singular e do plural, anáforas pronominais em detrimento das nominais e auxiliares de modo (“poder”) e com valor pragmático, como “querer” e “dever” (Bronckart 1996: 170-172).

Este tipo de discurso estrutura-se, habitualmente, da seguinte forma (Bronckart 1996: 234):

- *fase de abertura* – início da interacção, conforme os ritos e usos da formação social em que se inscrevem os interlocutores;
- *fase transaccional* – em que se constrói o conteúdo temático da intervenção;
- *fase de fechamento* – termo da interacção.

Será que o *chat* se pode aproximar ao tipo de texto dialogal (que pretende reproduzir a oralidade) e pode ser considerado um novo género textual?

2.1. O *chat* como novo género

O *chat* apresenta um estilo e construção composicional próprios, bem como conteúdo temático específico (Palmiere 2005: 504/2006: 573; Santos 2006: 9), critérios essenciais para definir os géneros; assume-se, então, como um género emergente.

No que se refere à construção composicional, pode considerar-se que o *chat* é constituído por uma sequência de intervenções em que, frequentemente, se desenvolvem conversas paralelas entre diferentes intervenientes³. O processo de alternância de vez é efectuado de forma mecânica pelo próprio funcionamento dos programas: a vez é efectivamente dada quando um falante/escrevente envia a sua mensagem para a área de fluência da comunicação. Poderão existir sinais de cedência de vez (quando se realiza uma pergunta) ou de tomada de vez (como a resposta a uma questão). O retorno de vez pode acontecer (um falante pode manifestar o seu acordo relativamente ao que foi dito) mas implica que o outro falante tome a vez. Devido à reduzida dimensão dos enunciados, a mudança de vez surge rapidamente, como nota Hilgert (2000).

Relativamente ao estilo, as conversas nos *chats* pautam-se, geralmente, pela informalidade (Pons 2002; Santos 2006: 8; Sáez 2007: 22; Seara 2007: 603). A ausência de pistas físicas que revelem o estatuto social dos intervenientes provoca uma maior intimidade entre estes. Além disso, o meio em que comunicam, caracterizado pela urgência do directo, leva a que se usem abreviaturas e recursos de redução de palavras (em que predomina a queda de rima e a preservação das consoantes em ataque) e ignorem algumas convenções tipográficas, nomeadamente os sinais de pontuação e as maiúsculas. Assim, assiste-se ao surgimento de uma escrita coloquial, que se vai planeando no próprio decurso da escrita, não permitindo que se efectuem revisões cuidadas (*cf.*, a título de exemplo, Mann & Stewart 2000: 181 e Benedito 2002: 7-10). Outra característica relevante neste tipo de escrita é o esbatimento das barreiras entre oral e escrito: a escrita procura aproximar-se das características da oralidade, nomeadamente através da troca de grafemas com vista à imitação dos sons da fala (“k” para “que”, “xuva” para “chuva”, “cunhecer” para “conhecer”), da junção de palavras (“né” para “não é”, “mazé” para “mas é”) e do prolongamento de letras com efeitos prosódicos (“olaaaaa” para “olá”).

No âmbito dos conteúdos temáticos, Palmiere (2005: 506) comparou os temas usados por parte dos adolescentes e dos jovens universitários neste meio de comunicação. Verificou um esvaziamento de temas especialmente por parte

³ Os *chats* podem possuir características distintas. Herring (2007) propõe parâmetros de classificação dos *chats*, que incluem a possibilidade de se falar um para um, um para muitos ou muitos para muitos, para além da possibilidade de haver um tópico oficial que pode ser desenvolvido por todos os participantes da interacção. Também podem existir *chats* em que se use um tom mais formal.

dos adolescentes, que focam sobretudo o lazer e a identidade e não aprofundam os tópicos, atribuindo maior valor à própria interacção.

Atendendo às novas características do estilo, dos conteúdos e da organização composicional, considera-se o *chat* como um novo género. Mas qual a razão do recurso a estas características nas conversas de *chat*? O uso destas características pode prender-se com a construção da identidade por parte dos adolescentes, mais inovadores e subversivos do que os adultos (Palmiere 2005: 508). A linguagem torna-se, na verdade, um elemento de coesão entre os utilizadores destes programas da Internet (Pons 2002; Sáez 2007: 48). Para verificar a aceitação deste tipo de escrita em outro contexto, Palmiere (2006) efectuou um estudo em que esta escrita era utilizada em legendas dos CyberMovies. Concluiu que o seu uso, nesse contexto, era rejeitado não só por pessoas que a consideram normalmente como um atentado contra o bom escrever, mas também pelos habituais utilizadores desta linguagem nos *chats*.

Por conseguinte, pode concluir-se que o uso da linguagem dos *chats* se justifica pela sua adaptação ao meio que a fez nascer, sendo uma escrita adaptada às circunstâncias de produção/ recepção, o que evidencia a competência textual dos que criam este novo género textual.

3. Estudo de *corpus*

Tendo em mente os pressupostos teóricos descritos, procedeu-se à realização de um estudo de *corpus* com base em interacções no género *chat* para dar resposta aos objectivos delimitados na introdução.

3. 1. Metodologia

Procedeu-se à recolha do *corpus* no programa de *chats* “bláblá” do “aeiou”. As conversas gravadas respeitavam a diferentes partes do dia e a diferentes salas, com o intuito de cobrir uma vasta gama de utilizadores. Foram gravadas 4 sessões de 10 minutos cada, num total de 40 minutos. Como o *corpus* analisado é de reduzida dimensão, as conclusões daqui retiradas deverão ser vistas à luz deste *corpus* restrito.

As sessões gravadas foram transferidas para ficheiros do Word pelo uso dos comandos “Copiar/ Colar”. Isto possibilitou a sua manipulação: retiraram-se as referências aos participantes da interacção (ex.: “entra fofinho”; “Moreno_giro para Kida_2”), visando a obtenção do número total de palavras sobre as quais incidia o nosso estudo. Após esta supressão, procedeu-se à contagem das palavras

pelo uso do comando “Contar palavras” do menu “Ferramentas” do Word. Foram consideradas “palavras” todas as sequências de caracteres entre espaços em branco ou entre um espaço e final de intervenção. Por vezes, foi necessário analisar expressões (ex.: “bom dia” constitui uma única saudação, pelo que se contabiliza como apenas uma ocorrência na categoria respectiva).

No quadro seguinte, apresenta-se o número total de palavras de cada sessão; faz-se, ainda, a caracterização das sessões, no que diz respeito ao nome da sala, ao dia e ao período do dia em que decorreu a gravação.

Sessão	Dia	Período do dia	Sala	Total de palavras
Sessão 1	24/05/2008	Manhã	Sala 30-40	1102
Sessão 2	24/05/2008	Manhã	Sala 40-50	1003
Sessão 3	09/06/2008	Tarde	Sala aeiou	1525
Sessão 4	06/06/2008	Tarde	Sala Amizade	826
Totais	3 dias	2 períodos	4 salas	4456

Tabela 1 – Caracterização do *corpus* analisado.

Posteriormente, procedeu-se à divisão das palavras/expressões em diferentes categorias. Houve casos em que uma palavra/ expressão foi incluída em mais do que uma categoria, desde que satisfizesse os critérios para pertencer a categorias distintas.

Foram criadas diferentes categorias com base:

- 1- na interacção e suas fases;
- 2- nos mecanismos de coesão (sequencial e referencial);
- 3- nos mecanismos de coesão específicos dos *chats*.

Eis, então, as categorias criadas:

- 1- Com base nas fases da interacção⁴:
 - i) início de conversa – incluiu as palavras/ expressões usadas para dar início a uma interacção (ex.: “olá”, “bom dia”);
 - ii) vocativo – nela se incluem as palavras que definem ou caracterizam o interlocutor a que o locutor se dirige (ex.: “gatasssss”, “vânia”);

⁴ Convém salientar-se que os 10 minutos de cada sessão permitiam apenas acompanhar o início de algumas conversas e o final de outras, podendo não haver uma estruturação completa de cada conversa pela limitação provocada pelo tempo de gravação.

iii) marcadores de acordo/desacordo com a vez anterior – nesta categoria, foram incluídos os marcadores discursivos que iniciavam uma outra intervenção, fazendo um comentário/apreciação à vez anterior (ex.: “mas”; “pois mas”). Poderão corresponder, em certa medida, aos sinais de retorno da classificação de Rodrigues (1998). Não fizeram parte desta categoria respostas directas a perguntas colocadas (como: “sim”, “não”, “porto”);

iv) presença de verbos modais/ com valor pragmático – nesta categoria, insere-se o emprego de verbos modais, como “poder”, indicando delicadeza (“posso saber de onde é?”), ou “dever”, evidenciando probabilidade ou obrigação; também se incluem aqui verbos com valor pragmático, como “querer”;

v) déficticos – incluem-se nesta categoria todos os elementos cuja referência é actualizada no momento de enunciação, através de um “eu” que se institui como fundador das coordenadas espaço-temporais (ex.: “eu”, “tu”, “meu”, “aqui”, “hoje”);

vi) tratamento pela terceira pessoa do singular – ocorre quando um falante usa uma palavra ou expressão mais formal para se dirigir a outro (ex.: “a senhora”, “a nini”, “sua”);

vii) final de conversa – palavras ou expressões usadas para a despedida entre os interlocutores (ex.: “fica bem um abraço”, “xau pessoal bom friado”).

2 – Com base nos mecanismos de coesão:

2.1 sequencial

i) conectores que estabelecem relações lógicas (ex.: “e, mas, ou, porque, por isso, se, para”). Contaram-se os casos das conjunções que apenas ligavam elementos dentro da mesma oração (“gira e simpática”). Por vezes, assiste-se à alteração destas conjunções por economia de esforço (“pra”) ou por escrita fonética (“i”; “pra”). O conector “mas”, quando iniciava intervenção, foi considerado como marcador conversacional, não fazendo parte desta categoria;

ii) justaposição – categoria composta por sequências em que não é usada uma conjunção para indicar uma relação semântico-discursiva. Abarca especialmente casos em que se elimina a conjunção copulativa. Não se incluíram nesta categoria casos em que havia falta de um sinal de pontuação (como “oi [.] donde teclas”). Exemplos: “porto casada [e] dois filhos xega”; “cas-solt [ou] div?”; “sai da minha beira [porque] kero sol”;

iii) paralelismos a nível:

a) temático – pressupõe uma identidade de palavras e/ou temas durante

a interação; estabelece-se, principalmente, no âmbito da identificação dos interlocutores (ex.: “idade; dd te”);

b) tempo verbal – refere-se à predominância do uso do presente (ex.: “está”; “axo”; “é”) em relação a outros tempos. Da contagem foram excluídos verbos na forma não finita e formas verbais com auxiliares de aspecto;

c) fônico – no âmbito da repetição de sons em palavras seguidas (ex.: “bruxinhaaaaa... bizinha...bjokitas”).

2.2 referencial

i) anáforas por:

a) nominalização (ou anáfora resumativa) – nela se inserem exemplos de Sintagmas Nominais (SNs) que retomam todo o conteúdo proposicional de um enunciado (ex.: “inquérito”, resumindo todas as questões colocadas por outro interveniente e sugerindo um posicionamento crítico);

b) descrição definida/ anáfora infiel – nesta categoria, inserem-se os SNs que, embora lexicalmente distintos, são co-referenciais relativamente ao SN fonte/antecedente (ex.: “castelo branco” – “essa linda cidade”);

c) advérbio – a retoma é efectuada através de um advérbio (ex.: “castelo branco” – “lá”) - embora tendo um valor dêictico, por implicar afastamento relativamente ao sujeito enunciador, é sobretudo um caso de retoma anafórica;

d) demonstrativos invariáveis – uso de um demonstrativo invariável para retomar uma expressão ou conteúdo de um enunciado (ex.: “disso” [pôr em causa a sua personalidade]);

e) pronominalização – casos em que um pronome retoma um nome ou SN. Inclui pronomes demonstrativos (ex.: “o” [mail] do; “aquela” [beleza]) e pessoais (ex.: “como a tens” [a foto]), entre outros;

f) associação (anáfora associativa) – este tipo de anáfora ocorre, não por retoma, mas por associação, postulando uma representação de sentido construído pelo texto, baseada em conhecimentos partilhados pelos interlocutores. Baseia-se, essencialmente, na relação parte – todo (ex.: “rapaz” – “cabeça”; “porto” – “Campanha”).

Criaram-se duas outras categorias que, embora possam fazer parte das anáforas, incluem casos em que as expressões podem não retomar um antecedente/fonte. São elas:

g) elipse – casos em que há a elisão de um elemento facilmente recuperável pelo contexto. Geralmente, estes elementos encontram-se na fala do interlocutor (ex.: “também eu” [sou diferente]), mas também se incluíram nesta categoria casos em que se eliminam informações que não são necessárias à compreensão

por se inserirem em frases muito frequentes no contexto dos *chats* ([Qual é a tua] “idade?”). Não se incluíram nesta categoria frases com sujeito nulo subentendido de primeira e segunda pessoas, nem expressões já convencionalizadas, nomeadamente “tudo bem”;

h) reiteração/recorrência de termos – implica a repetição geralmente de uma palavra em intervenções sucessivas do locutor e interlocutor (ex.: “deslumbrante” – “deslumbrante pk?”); pode dizer respeito a casos de anáfora fiel (ex.: “recebi uma mensagem” - “que dizia a mensagem”). Não se incluíram casos em que os intervenientes repetiam consecutivamente a sua intervenção, usando as mesmas palavras.

3. Com base nos mecanismos de coesão específicos dos *chats*:

i) uso de *smileys* ou *emoticons* - nesta categoria, inserem-se todos os símbolos que são realizados com os recursos do teclado e que pretendem transmitir emoções ou sentimentos, como diferentes graus de alegria - (:), :-)), :-D, tristeza - :-(ou cumplicidade - :P ou ;) , actos físicos, como beijos *** ou ainda pedidos de desculpa com conseqüente reformulação do que foi dito (zana - *xana).

ii) uso de sinais para compensar os elementos paralinguísticos - incluem-se nesta categoria todas as palavras que pretendem dar informações relativamente a atitudes ou reacções de quem interage nos *chats*. Funcionam como apartes e, por isso, também pertencem a esta categoria comentários em frases intercaladas, assinaladas com parênteses. Ex.: “zzzzz”; “lol”; “ahhh”; “(eu gosto de os ver assim)”.

3.2. Resultados e discussão

No que se refere aos resultados que tiveram em linha de conta a interacção e suas fases, estes vão ser apresentados no quadro seguinte. As percentagens foram calculadas com base no total de palavras de cada sala. Os resultados totais são apresentados em bruto e na percentagem respectiva. Estes resultados têm como limitação o facto de algumas das ocorrências envolverem mais do que uma palavra, ou até omissões de palavras.

	início de conversa	vocativo	marc. ac/ desacor	verb mod/pr	deícticos	trat. 3 ^a pess	final de conversa
Totais	332 -7,5%	98 -2,2%	55 -1,2%	56 -1,3%	269 - 6%	15 -0,3%	14 -0,3%

Tabela 2 – Resultados no que respeita à interacção e suas fases.

Ao analisarmos estes dados, sobressai a discrepância entre os elementos que permitem iniciar uma conversa e os que a permitem terminar. Esta discrepância pode ser vista no seguinte excerto:

<p>Jose43 para --a-deslumbrante40 : como esta? irrekieto32Lx...: bom dia... Eng.Pedro para --a-deslumbrante40 : axo bem que tenha Uma@Amiga49 para zedomar : lalarala vonbahk: oi JARDINEIRO_2 para teimosa_2 : olá (...) SomethingSpecial_2 para bonecaporcelana : ola bonequinha linda</p>
--

A que se deverá esta divergência? Consideramos que, por um lado, alguns utilizadores cumprimentam toda a sala quando entram, mas acabam por não iniciar nenhum diálogo, pelo que saem sem despedida final. Por outro lado, há utilizadores que vão dando as boas-vindas a quem entra (ex.: “boas a quem entra”), contribuindo para o acréscimo de saudações. Este acréscimo deriva, ainda, de algumas repetições de saudações por parte de alguns utilizadores, no sentido de mostrarem a sua disponibilidade.

Com efeito, as saudações efectuadas têm o intuito de seduzir o outro para se proceder ao início de uma interacção. Assim, vários recursos de ênfase e expressividade são usados, nomeadamente o alongamento de vogais (“olaaa”, oooooooooiiiiiiiiiiii) ou a repetição (“ola.ola”).

Além disso, vários utilizadores procuram chamar a atenção do outro pelo recurso ao vocativo na própria saudação. Regista-se o emprego de adjectivos com conotação positiva (“cara linda”), formas de tratamento informais mas elogiosas (“gatasssss”) e expressões em que se incluem todos os participantes da interacção (“a todos”).

Antes do término da conversa, pode surgir uma fase de pré-fechamento (ex.: “vou ter que fazer o almoço”), à semelhança dos dados encontrados por Sáez (2007: 28), para evitar uma abrupta interrupção da conversa.

Nas saudações e ao longo do desenvolvimento da conversa (na fase de transacção), é comum usarem-se os elementos déicticos, especialmente os pronomes pessoais e possessivos de primeira e segunda pessoas do singular, que marcam a interactividade, bem como a proximidade entre os falantes, constituindo-se como um meio de abreviar as distâncias afectivas entre eles, ideia enfatizada por Fusca (2008: 3). Com efeito, embora não se conheçam pessoalmente, os sujeitos optam por um tratamento informal nas conversas de *chat*, já que não há pistas contextuais que revelem o estatuto social da pessoa

e que, por conseguinte, conduzam a um tratamento mais formal. Contudo, por vezes, a forma de tratamento é passível de negociação:

<p>morenadoporto para crow_2 : mas já agora diga-me a sua idade (...) crow_2 para morenadoporto : mas sem o...vç (...) morenadoporto para crow_2 : entao posso tratar por tu?</p>

Na verdade, o tratamento por meio da terceira pessoa do singular também foi residualmente registado, sobretudo na sala em que os falantes, supostamente, pertencem à faixa etária dos 40 aos 50 anos, pelo que a sala pode fornecer pistas relativamente à necessidade de um tratamento mais formal.

Os deícticos são usados, ainda, para identificarem o local em que os falantes/escreventes se encontram. Usam o advérbio “aqui” indistintamente para designarem o espaço físico em que se encontram (“aqui está a chover”; “onde será o aqui de cada um de nós?”) e o espaço virtual da Internet (“encontramos aqui” [nesta sala de *chat*]). Esta utilização do deíctico para o espaço que não é físico mostra como se estão a formar comunidades com base não na aproximação física, mas na de interesses. Estas têm como espaço o “aqui” dos *chats* e como elemento de identificação o orgulho na linguagem comum que une os seus elementos⁵. Os deícticos espaciais são também usados, neste *corpus*, com uma função fáctica. Os locutores escrevem “tas aí” para se certificarem que o seu interlocutor continua com atenção ou para verificar a disponibilidade do interlocutor visado para iniciar uma conservação.

A nível de deícticos temporais, estão presentes o “hoje” e o “agora” característicos do momento da enunciação. Outros deícticos que ocorrem prendem-se com o emprego de demonstrativos a sugerir proximidade ou afastamento (“este”, “aquele”).

No que se refere ao uso de marcadores de acordo ou desacordo, o interlocutor, ao empregá-los, efectua um sinal de retorno, evidenciando a sua atenção relativamente à vez anterior. Estes marcadores poderão ter um pendor (contra)argumentativo (ex.: “mas”, “pois, mas” no início da intervenção) ou conter um comentário apreciativo a um determinado enunciado (“mas que bem”). O uso destes marcadores, que podem ser considerados sinais conversacionais, sugere que os falantes mantêm uma conversa com uma sequência lógica e, por conseguinte, com coesão. A sua ausência, porém, não indica que o falante não

⁵ Esta distinção entre espaço físico e virtual, bem como a diminuição das distâncias entre os utilizadores das comunidades virtuais, estão bem patentes numa intervenção de um utilizador: “tanto faz ser daqui ou dali... com o pc à frente não há distância”.

está atento – na verdade, o interlocutor limita-se, frequentemente, a responder às questões colocadas (o que é uma forma de tomar a vez cedida pelo seu interlocutor), e isto não requer, geralmente, o uso de marcadores.

Eis um exemplo do uso destes marcadores (mostrando que também se pode optar pela omissão de informação, facilmente inferível pelo contexto e pela linha de argumentação que os conectores usados imprimem às frases):

--a-deslumbrante40 para Eng.Pedro : quem já teve oportunidade de me conhecer .. sem duvida .. q confirmará
 (...)Eng.Pedro para --a-deslumbrante40 : pois mas não conheço.....por isso.....

No que se refere à presença de verbos modais e de valor pragmático, estes reflectem delicadeza e possibilidade (“poder”), probabilidade (“dever ser”), obrigatoriedade (“dever”) e expressão da vontade (“querer”). Estão presentes neste tipo de texto pela sua aproximação à sequência textual interactiva ou dialoal.

Pode concluir-se, pela análise destes dados, que as conversas dos *chats* se encontram estruturadas de forma semelhante ao tipo de discurso dialoal e à conversa do quotidiano: com uma fase de abertura, uma transaccional e uma de fecho; o fecho refere-se apenas ao término de uma conversa entre dois indivíduos em particular, e não à sala toda. Como numa conversa face-a-face, o diálogo desenvolve-se pela mudança de vez e uma intervenção é, no geral, uma reacção à vez anterior. A conversa realiza-se entre um “eu” e um “tu” que, embora afastados a nível físico, se podem encontrar próximos a nível afectivo.

Os resultados com base na coesão sequencial encontram-se expostos na tabela seguinte:

	conectores/ conjunções	justaposição	paralelismo tempo presente	paralelismo fónico
Totais	182 – 4,1%	12 – 0,3%	513– 11,5%	3 – 0,07%

Tabela 3 – Resultados com base nos mecanismos de coesão sequencial.

Pode concluir-se que o uso de conectores/ conjunções é preferido à mera justaposição de orações. Contudo, o seu uso não é muito significativo no número total de palavras, na medida em que muitas das intervenções se caracterizam pela brevidade, dando origem a orações simples. Que tipo de conectores/conjunções estão presentes neste género textual? As conjunções coordenativas são esperadas neste tipo de discurso caracterizado pela aproximação ao oral, o qual possui uma sintaxe simplificada com predomínio da parataxe. Na verdade, a copulativa “e”

está bem representada no *corpus*. Mas também estão presentes, paralelamente a outras conjunções coordenativas, algumas conjunções subordinativas, nomeadamente “porque, se, para, quando, mal (assim que), que (consecutivo)”. Geralmente, estas conjunções são usadas para ligar orações numa mesma frase. Com efeito, a reduzida dimensão dos enunciados não permite que se efectuem ligações lógico-argumentativas ao nível dos parágrafos.⁶ Contudo, conectores do tipo “por outro lado”, “na verdade” ocorreram no *corpus* analisado. Então, os utilizadores dos *chats* possuem um conhecimento relativamente aos conectores, mas optam por não os usar repetidamente como forma de adaptação ao meio de comunicação e de adequação à situação comunicativa.

Há certas frases dos *chats* em que as relações lógicas são estabelecidas por meio da mera justaposição de orações (as quais possuem, geralmente, informação elidida). O seu uso prende-se, sobretudo, com a omissão da conjunção copulativa (ex.: “idade [e] ddtc” e “35 [e] lisboa”), mas também se omitem outras conjunções, inclusivamente subordinativas, sempre que o contexto permite inferir qual está a ser usada (“sai da minha beira [porque] kero sol”). Outro exemplo pode ser visto a seguir:

bonecaporcelana **** para **SomethingSpecial_2** : porto casada tenho dois filhos xega
(...)SomethingSpecial_2 para **bonecaporcelana** : falta a idd eheheheh ja agora ehehehehe

Contudo, no geral, embora a necessidade de economia pudesse impor a predominância do estabelecimento de relações lógicas por justaposição, a necessidade de comunicar de forma eficaz apela a que as conjunções sejam usadas.

Por outro lado, também se verifica, a nível de paralelismos, a recorrência de um determinado tempo verbal – o Presente do Indicativo. Já outros autores enfatizavam o *chat* como o contexto do “eterno presente” (Moura, 2003: 230). É o que predomina, embora haja 4,2% de uso de outros tempos e modos verbais, nomeadamente o Pretérito Perfeito do Indicativo, o Imperativo e até o Conjuntivo (excluíram-se da contagem formas não finitas e construções com auxiliares de aspecto). O presente é usado neste contexto porque é o tempo instituído pelos

⁶ Os parágrafos, neste tipo de texto, não possuem a habitual função de evidenciar a abordagem de um novo aspecto de um tema comum (como afirma Guimarães 2005: 53), mas têm antes a função específica de indicação da mudança de vez.

falantes/escreventes na sua interação. O seu emprego encontra-se relacionado com a descrição pessoal e dos interesses dos intervenientes na interação (“tenho 12 anos”; “sou do Porto”; “gosto disso”); também está presente em ditos populares, apelando ao conhecimento do mundo e criando empatia e cumplicidade. Vejamos um exemplo do uso de expressões que pertencem a um saber compartilhado pelos enunciadores:

visitante_55 para **H38Lx_3** : e que belo mundo cão! rs..
 (...) **H38Lx_3** para **visitante_55** : Nao há outro! temos que nos contentar com estas pulgas e carraças.. rs
 (...) **visitante_55** para **H38Lx_3** : é o carpe diem...
 (...) **H38Lx_3** para **visitante_55** : Nao estudei latim... mas vivo e deixo viver cada um como cada qual.. rs

O paralelismo temático surge bem representado, embora não tenha sido contabilizado, por ser demasiado geral. Contudo, podemos afirmar que os temas se baseavam na identificação pessoal, repetindo-se as questões que respeitavam a este tópico com frequência.

O paralelismo fónico é escasso. Embora o jogo seja um factor preponderante nos *chats*, este manifesta-se por outros usos que não incluam repetições de fonemas em palavras distintas (em vez disso, os falantes usam alongamentos de vogais).

A contagem das ocorrências pertencentes às categorias respeitantes à coesão referencial deu origem aos seguintes resultados:

	anáforas	elipse	reiteração
Totais	81 – 1,8%	353 – 7,9%	46 – 1,0%

Tabela 4 – Resultados com base nos mecanismos de coesão referencial.

Podemos concluir que as anáforas estão presentes neste tipo de texto, embora não possuam grande representatividade. Os casos de elipse (que, geralmente, se integram no processo de retoma anafórica) têm alguma representatividade, já que os falantes recorrem ao contexto para fornecer a informação necessária ao estabelecimento da comunicação. Assim, eliminam o acessório, o que está na periferia, mantendo o essencial, o “centro”, como no exemplo:

Mario_3 para **nini41** : onde fica granja?
 (...) **nini41** para **Mario_3** : granja? Gaia
 (...) **nini41** para **Mario_3** : pertinho d espinho

Então, os falantes, tal como na oralidade, não verbalizam toda a informação, respeitando a máxima da quantidade, segundo a qual não se deve dizer nem mais nem menos do que a informação necessária.

Por um lado, estes reconhecem a importância do contexto na comunicação, que inclui o co-texto (ex.: [vivo] com a minha mãe, em que só se recupera a forma verbal através da informação da intervenção anterior), mas também o conhecimento do mundo co-partilhado pelos interlocutores (quando um falante diz “vitor_oliveirahotmail.com”, o nosso conhecimento do mundo permite-nos inferir a informação “o meu *mail* é”). Por outro lado, estes estão a facilitar não só a sua tarefa, poupando tempo e esforço, mas também a do interlocutor. Na verdade, a este cabe a função de apreender a informação essencial, condensando o enunciado até obter a macro-proposição. Ora este trabalho parece já ter sido efectuado pelo emissor.⁷

Casos de reiteração de palavras também se verificaram, geralmente em diferentes intervenções (“estou em França” - “em França de férias?”; “recebi uma mensagem” - “Que dizia a mensagem”). Poderia pensar-se que a repetição de palavras, especialmente como retoma anafórica, se tornaria redundante, podendo optar-se pela elipse. Contudo, por vezes, os falantes optam pela reiteração como forma de evitar ambiguidades, o que comprova, novamente, que esta é uma forma eficaz de comunicação e constitui um discurso articulado, coeso e coerente.

Na categoria que engloba várias outras anáforas, embora o resultado descrito tenha sido o geral, pode dizer-se que predominam as pronominalizações. Como as frases são curtas e directas, é fácil recuperar o antecedente dos pronomes usados. Anáforas por associação e descrição definida são mais raras, talvez por envolverem um maior esforço cognitivo na sua decifração, o que poderia dificultar a interacção. No entanto, também existem neste contexto. A anáfora associativa “isto parece um laboratório” – “onde estão os tubos de ensaio” possibilita a intensificação do tom irónico dos falantes, fazendo parte do jogo dos *chats*. A anáfora por expressão referencial definida “castelo branco” – “essa linda cidade” implica um juízo valorativo, pelo que a referência se constrói e desconstrói no texto, constituindo-se os elementos anaforizados como objectos do discurso (como defende Koch 2004b: 57). Também são usadas anáforas por

⁷ Qualquer necessidade de esclarecimento adicional pode ser manifestada pelo interlocutor. De facto, registaram-se alguns casos (raros) em que se realizavam reformulações (ex.: “* xana [e não “zana”]) e outros em que eram efectuados pedidos de clarificações ou complemento de informações (“como assim?”).

assobio de admiração, imitando-se, de forma onomatopaica, os sons da fala. Há também comentários entre parênteses que foram integrados nesta categoria porque efectuavam alguma crítica (ex.: “eu gosto de os ver a descer de nível, é muito giro!”).

Da análise destes resultados se conclui que o *chat* é um género textual com coesão, assegurada pelo uso de paralelismos, conjunções, anáforas, bem como de *smileys* ou *emoticons* e elementos que fornecem informação paralinguística. E a coerência está sempre assegurada, porque a intencionalidade global é geralmente atingida, já que consiste na própria interacção e no desejo de contacto social⁸.

Conclusão

O texto é uma estrutura em que as partes se articulam num todo coeso e coerente. A coesão é dada por mecanismos como o uso de conectores, retomas anafóricas e recorrência de temas, termos e estruturas. São esses mecanismos que permitem conferir ao texto um sentido global e uma intencionalidade que constituem a sua coerência.

Novos géneros textuais estão a surgir devido às diferentes necessidades comunicativas; as conversas de *chat* incluem-se nestes géneros. Contudo, coloca-se a questão de este tipo de texto obedecer aos critérios de coesão e coerência necessários à textualidade, já que infringe as normas linguísticas, não seguindo a linguagem e o modelo dos géneros institucionalizados.

Para verificar se uma conversa num programa de *chat* constituía uma unidade coesa e coerente, foi efectuado um estudo de *corpus* referente a 40 minutos de conversas, num total de 4456 palavras, tendo-se procedido à divisão das palavras/expressões pelas categorias criadas. Concluiu-se que o *chat* possui características de oralidade e se estrutura de acordo com as fases do discurso interactivo/ dialógico. São usadas estratégias de coesão comuns a outros géneros textuais, nomeadamente a presença de conjunções (especialmente ao nível da frase), de anáforas (especialmente elipses e pronomes) e de paralelismos (a nível temático e de tempo verbal). Surgiram, por outro lado, estratégias próprias desta nova forma de comunicação, nomeadamente o emprego de *emoticons* e de

⁸ Deve-se ter em atenção que nos estamos a referir à globalidade da conversa no *chat*: embora tenhamos registado momentos em que há uma certa incoerência entre enunciados, resultante do atraso de algumas respostas, e até o caso de um utilizador cujo intuito era somente o de ofender todos os outros (não respeitando as regras de cortesia), consideramos que, no geral, havia coesão e coerência.

elementos para compensar a ausência de pistas físicas contextuais; ambos eram usados como estratégia discursiva, para esclarecer as atitudes dos falantes.

Como a intencionalidade geral dos *chats* é estabelecer uma interação com o outro, e isto é atingido neste *corpus*, a coerência também é respeitada.

Os *chats* não são, assim, um mero amontoado de frases em que se deteriora a língua portuguesa, mas uma forma eficaz de os falantes se adaptarem a outras necessidades comunicativas trazidas pela evolução dos meios de comunicação.

Referências

- Adam, J. 1992. *Les textes : types et prototypes*. Paris: Nathan.
- Araújo, J. 2004. A organização constelar do gênero chat. *ANAIS do XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos*. 1279-1292. Acedido a 10 de Maio de 2008 a partir da World Wide Web: [http://www.ufpe.br/nehete/artigos/ARAUJO%20\(2004\).pdf](http://www.ufpe.br/nehete/artigos/ARAUJO%20(2004).pdf).
- Benedito, J. 2002. *Que língu@ Portugues@ no ch@t da Internet?* Lisboa: Edições Colibri.
- Blancafort, H.; Valls, A. 2007. *Las cosas del decir – Manual de análisis del discurso*. Barcelona: Ariel.
- Brito, A.; Duarte, I; Matos, G. 2003. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In Mateus, M.H.; A. Brito; I. Duarte; I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 795-867.
- Bronckart, J. 1996. *Activité langagière, textes et discours*. Paris: Elachaux et niestlé.
- Figueiredo, O. 2002. O procedimento reclassificatório da Anáfora Resumativa: a propósito de *A Caverna* de José Saramago. In: I. Duarte; J. Barbosa; S. Matos; T. Hüsgen (Orgs.). *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do centro de Linguística da Universidade do Porto* (vol. I). Porto: CLUP, 217-230.
- Figueiredo, O. 2003. *A anáfora nominal em textos de alunos*. Lisboa: FCT e FCG.
- Fonseca, J. 1992. *Linguística e Texto/Discurso: teoria, Descrição, Aplicação*. Lisboa: ME/ICLP.
- Fusca, C. 2008. *TC CMGO?: Estudo sobre a abreviação na internet*. Relatório final de estágio de Iniciação científica. São José do Rio Preto.
- Guimarães, E. 2005. *A articulação do texto*. São Paulo: Editora Ática.
- Grice, P. 1975. Logic and Conversation. In: Cole e Morgan (Orgs.), *Syntax and Semantics 3. Speech Acts*. Nova Iorque: Academic Press, 41-58.
- Herring, S. 2007. A faceted classification scheme for computer-mediated discourse. *Language@Internet*, 4, artigo 1. Acedido a 1 de Junho de 2009 a partir da World Wide Web: <http://www.languageatinternet.de>

- Hilgert, J. 2000. A construção do texto “falado” por escrito na Internet. In: Dino Preti (Org.), *Fala e Escrita em Questão*. São Paulo: Humanitas FFCH/USP, 15-55.
- Koch, I. 2004a. *A Coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. 2004b. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mann, C.; Stewart, F. 2000. *Internet Communication and Qualitative Research*. London: Sage.
- Marcuschi, L. 2002. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: A. Dionísio; A. Machado; M. Bezerra (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 19-36.
- Martins, C. 2001. *Anáfora associativa – algumas reflexões*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras do Porto, CLUP.
- Moura, C. 2003. A vertigem. Da ausência como lugar do corpo. In: J. Correia; A. Fidalgo; P. Serra (Orgs.). *Mundo Online da Vida e Cidadania*. (Vol.III). Covilhã: Universidade da Beira Interior, 229-242.
- Oliveira, Maria de Fátima. 1988. *Relações anafóricas: algumas questões*. Estudo para discussão como prova complementar de doutoramento em Linguística Portuguesa.
- Otero, C. 1999. Pronombres reflexivos e recíprocos. In: I. Bosque; V. Demonte (Dir.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Espa-ola*. Madrid: Espasa (vol. 1), 1427-1517.
- Palmiere, D. 2005. “Chateando” com jovens e adolescentes: a construção da escrita na Internet por grupos de diferentes faixas etárias. *Estudos Linguísticos*. **34**: 503-508. Acedido a 15 de Maio de 2008 a partir da World Wide Web: <http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/chateando-com-jovens-306.pdf?SOMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c>.
- Palmiere, D. 2006. A escrita da *Internet*: da tela do computador para a tela da teve. *Estudos Linguísticos*. **35**: 572-581. Acedido a 10 de Junho de 2008 a partir da World Wide Web: <https://www.gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/589.pdf>.
- Pons, C. 2002. Els xats:) La ludoteca de la llengua. *Interlingüística*. **13 (3)**: 273-281. Acedido a 13 de Julho de 2008 a partir da World Wide Web: <http://personal.auna.com/claudiapons/els%20xats.pdf>.
- Rodrigues, I. 1998. *Sinais conversacionais de alternância de vez*. Porto: Granito Editores.
- Rodrigues, I. 2007. *O corpo e a fala – comunicação verbal e não-verbal na interação face a face*. Lisboa: FCG e FCT.
- Sáez, J. 2007. *El chat. La conversación tecnológica*. Madrid: Arco Libros.
- Santos, L. 2006). *A Linguagem da Internet sob a perspectiva dos géneros discursivos: implicações educacionais*. Monografia apresentada ao Centro Universitário Ritter dos Reis. Acedido a 15 de Maio de 2008 a partir da World Wide Web: <http://www.uniritter.edu.br/w2/letras/palavora/arquivos/Monografia%20Lauren%20D.%20dos%20Santos.pdf>.

- Seara, I. 2007. Mekié? É de+ pa mim qd as xs tcl em o ppl! Para o estudo das interacções electrónicas síncronas: uma tensão entre omnipresença e abandono. In M. Lobo; M. Coutinho (Orgs.), *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri/ APL, 593-609.
- Silva, C. 2006. *Língua@chat.pt – A escrita telemática síncrona como elemento revelador de conhecimentos linguísticos intuitivos dos falantes*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.
- Silva, F. 2003. Contributo da hiponímia e meronímia para a configuração de relações anafóricas. *Línguas e Literaturas*. **20 (1)**: 657-672.
- Van Dijk, T. 1993. *Texto y contexto. Semântica y pragmática del discurso*. Madrid: Cátedra Lingüística.